

Fernando Pessoa

1. A base de toda a arte é a sensação.

1. A base de toda a arte é a sensação.

2. Para passar de mera emoção sem sentido à emoção artística, ou susceptível de se tornar artística, essa sensação tem de ser intelectualizada. Uma sensação intelectualizada segue dois processos sucessivos: é primeiro a consciência dessa sensação, e esse facto de haver consciência de uma sensação transforma-a já numa sensação de ordem diferente; é, depois, uma consciência dessa consciência, isto é: depois de uma sensação ser concebida como tal — o que dá a emoção artística — essa sensação passa a ser concebida como intelectualizada, o que dá o poder de ela ser expressa. Temos, pois:

(1) A sensação, puramente tal.

(2) A consciência da sensação, que dá a essa sensação um *valor*, e, portanto, um cunho estético.

(3) A consciência dessa consciência da sensação, de onde resulta uma intelectualização de uma intelectualização, isto é, o poder de expressão.

3. Ora toda a sensação é complexa, isto é, toda a sensação é composta de mais do que o elemento simples de que parece consistir. É composta dos seguintes elementos: *a)* a sensação do objecto sentido; *b)* a recordação de objectos análogos e outros que inevitável e espontaneamente se juntam a essa sensação; *c)* a vaga sensação do estado de alma em que tal sensação se sente; *d)* a sensação primitiva da personalidade da pessoa que sente. A mais simples das sensações inclui, sem que se sinta, estes elementos todos.

4. Mas, quando a sensação passa a ser intelectualizada, resulta que se decompõe. Porque — o que é uma sensação intelectualizada? Uma de três coisas: *a)* uma sensação decomposta pela análise instintiva ou dirigida, nos seus elementos componentes; *b)* uma sensação a que se acrescenta conscientemente qualquer outro elemento que nela, mesmo indistintamente, não existe; *c)* uma sensação que de propósito se falseia para dela tirar um efeito definido, que nela não existe primitivamente.

São estas as três possibilidades da intelectualização da sensação.

1916?

Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação. Fernando Pessoa. (Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1966: 192.